

O VESTIDO VERMELHO

Tudo começou com os vestidos e o cheiro das flores. Os vestidos eram brancos e leves, um deles era vermelho, de veludo, e ajustavam-se ao meu corpo como se tivessem sido feitos para mim. Estavam no armário do meu quarto, uma noite, e experimentei-os — como poderia resistir — em frente do espelho. E pensei ao olhar para a imagem que com aqueles vestidos poderia ter esperança. Já não era uma rapariga apagada, para quem não se olhava duas vezes, parecia mais alta, os ombros seminus eram bem torneados e a cintura fina. Com o mesmo cuidado com que prendia o cabelo de manhã — embora nos últimos tempos deixasse uma madeixa,

uma só, solta — , desprendi-o e admirei o seu efeito sobre os ombros e os reflexos avermelhados que as chamas da lareira criavam nele.

Eu chegara a Thornfield com três vestidos. Como uma princesa de conto de fadas, com um vestido para cada noite do baile. E o terceiro era o mais bonito. Mas não havia bailes, eu nunca aprendera a dançar, os vestidos eram da mesma cor, cinzentos, e só me assentavam bem porque a costureira que passava em Lowood duas ou três vezes por ano gostava de mim e tivera com eles um cuidado especial. Até arranjara um pouco de renda para a gola de um deles, suponho que esse era o da terceira noite.

Naquela noite, sentei-me na cama com o vermelho e fantasiei por momentos que fora ele a deixá-los no meu quarto. Mas se isso podia aplicar-se aos vestidos brancos, dificilmente poderia aplicar-se ao vermelho. Aquele vestido não era para mim... ainda que ele tivesse gastado uma fortuna no dia em que fôramos fazer compras, e escolhido os tecidos mais caros, e o colarzinho de pérolas — na verdade, ele escolhera um de safiras, mas Adèle, com a sabedoria que herdara da mãe e nenhum de nós tinha, indicara sem hesitação o de pérolas. Eram de uma

pureza absoluta e diminuía de tamanho ao aproximarem-se do fecho. O tecido do véu deveria ser o mais caro da loja e tive de o dissuadir, aquele não era o meu véu, queria algo branco e simples... e a pequena Adèle estava de acordo comigo.

Uma das coisas que ele me perguntou no primeiro serão, quando tentava saber coisas a meu respeito, além do facto de eu ser uma feiticeira que passeava pela charneca ao anoitecer e castigava quem rompia os seus círculos mágicos — como fizera com ele, ao assustar o seu cavalo e fazê-lo cair e torcer um tornozelo —, foi se eu gostava de presentes. Enquanto Adèle abria ansiosamente a caixa que ele lhe trouxera, eu admiti que não sabia nada de presentes. Nunca os recebera na casa dos meus tios, embora me apropriasse de alguns livros da biblioteca e os levasse para o meu recanto atrás das cortinas vermelhas, e claro que no colégio de Lowood ninguém recebia presentes, a não ser quando a cozinheira estava bem-disposta e as refeições se pareciam um pouco com comida a sério. Na minha primeira noite em Thornfield, Mrs. Fairfax, a governanta, admirou-se com o meu apetite, atribuiu-o ao longo dia de viagem, mas a verdade é que havia oito anos que eu

não estava sentada perto de uma lareira a comer uma boa refeição. Oito anos de frio e fome tinham feito de mim uma criatura magra com a força de uma planta que cresceu num lugar inóspito e é toda raízes e gavinhas, porque quer viver. Eu disse-lhe que os presentes não faziam parte da minha experiência, mas as pessoas gostavam de os receber. E ele, que na altura não me podia oferecer nada além de uma ternura quase oculta pela ironia, agora cobre-me de presentes, estamos apaixonados como só as pessoas muito novas se apaixonam, embora ele tenha o dobro da minha idade e pareça mais velho.

Lembro-me das nossas primeiras noites, quando toquei piano para ele... e embora o seu comentário fosse irónico, todas as precetoras tocam «um pouco» de piano, havia algo no seu rosto... como se o tivesse comovido. E quando viu os meus desenhos, aqueles lugares que nunca conheci, ele reconheceu alguns deles. E onde viu Latmos. Porque isto é Latmos. E quem a ensinou a pintar o vento? Ele agora faz planos para viajarmos, afinal eu nunca fui a lugar algum... A viagem pela charneca da casa dos meus tios até ao colégio interno, as idas a pé à igreja próxima, e de novo a longa viagem pela char-

neca até Thornfield Hall, onde conseguira o lugar de precetora da pequena Adèle. O entardecer na charneca quando me dirigia à aldeia para pôr uma carta no correio e de entre o nevoeiro surgiu um cão, e depois um cavalo que se assustou ao ver-me. E o homem caído no chão que me perguntou quem era e o que fazia ali, além de enfeitiçar os cavalos. Acho que foi nesse momento que comecei a existir, sob o olhar dele. Quando voltei para casa, para o meu quarto, e fiquei parada em frente do espelho, a tentar reconhecer aquela mulher.

Eu tenho a impressão de que já tive muitos rostos, e ele também, de que já cheguei antes a Thornfield de noite fechada, e nos encontrámos na charneca ao crepúsculo, por vezes havia nevoeiro, por vezes estava claro ainda e víamos as urzes e os cursos de água. De que já toquei piano para ele muitas vezes, e pergunto-me se os meus desenhos foram sempre os mesmos, se ele sempre reconheceu Latmos. De uma coisa tenho a certeza. Nunca me deixaram estes vestidos no quarto, estes vestidos que cheiram...

E é aqui que entram os cheiros.

Quando ouvi arranharem a porta do meu quarto e a abri, pensando que era o cão dele, Pilot, pensando